



FARMACOPEIA (A composição detalhada dos eventos que moldam nossa história).

MASTRUZ: A CURA NO FIO DA NAVALHA

O saber ancestral encontra o rigor farmacêutico. Descubra por que o chá mais famoso do Brasil exige atenção milimétrica no preparo para não transformar o remédio em risco.



O ATIVO DO QUINTAL

Entenda a química do Ascaridol e por que a ciência valida o uso contra vermes e inflamações, mas alerta para o perigo da toxicidade.

DOSE CIENTÍFICA

CIÊNCIA NAS PRAÇAS

Projeto da UNIBRA conecta o SUS aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Estudo com 287 entrevistados aponta que 67% dos jovens desconhecem os riscos do Mastruz.

PRINCÍPIO ATIVO



DA SENZALA AO SUS: A luta histórica para validar a ciência das folhas e superar o preconceito que criminalizou o saber ancestral.

INTERAÇÃO MEDICAMENTOSA

DOSE CIENTÍFICA (Ensaio, pesquisas e a aplicação do saber em benefício de todos).

Mastruz: Entre a cura ancestral e o rigor científico.

O Mastruz (*Dysphania ambrosioides*), também consagrado como Erva-de-santa-maria ou Ambrósia, é uma das espécies mais emblemáticas da flora medicinal brasileira. Presente em quase todos os quintais e feiras livres, a planta representa a ponte fundamental entre o conhecimento empírico transmitido por gerações e a farmacologia contemporânea. No entanto, sua onipresença não deve mascarar a complexidade de sua química; no universo da fitoterapia, a compreensão clara de que "natural" não é sinônimo de "isento de riscos" é o primeiro passo para a saúde.

Identidade Botânica e Química

Pertencente à família Amaranthaceae, o Mastruz é uma planta herbácea perene, que exala um aroma penetrante e característico devido às glândulas resinosas em suas folhas lanceoladas. O valor terapêutico reside primordialmente em seu óleo essencial, cujo protagonista é o Ascaridol. Este peróxido terpênico é um potente agente anti-helmíntico, capaz de paralisar e eliminar parasitas intestinais como o *Ascaris lumbricoides*. Contudo, o Ascaridol possui uma "janela terapêutica" estreita: a diferença entre a dose que cura

e a dose que agride o sistema nervoso é milimétrica.

Indicações e Validação Científica

A ciência moderna valida o uso tradicional do Mastruz para diversas finalidades. Além de sua consagração como vermífugo, a planta demonstra atividades antifúngicas e anti-inflamatórias significativas. Na prática clínica popular, é frequentemente empregada como auxiliar no tratamento de afecções respiratórias, como bronquites e tosse persistentes, atuando como um expectorante eficaz que facilita a eliminação de secreções bronquiais.

O Ritual do Preparo Seguro

O diferencial entre o benefício e a toxicidade reside no método de extração. A forma correta e segura de utilização das folhas é a Infusão: deve-se despejar água fervente sobre a planta seca ou fresca e abafar o recipiente por exatamente 10 minutos. É um erro técnico grave utilizar a Decocção (ferver a planta junto com a água), pois o calor prolongado degrada substâncias voláteis benéficas e pode concentrar compostos neurotóxicos indesejados. A dosagem recomendada para adultos é de uma xícara (200ml) por dia, não ultrapassando três dias consecutivos de tratamento.



Mastruz (*Dysphania ambrosioides*).

Planta não é Carência, é Ciência

Existe um estigma sociológico de que o uso de "chás" é um recurso exclusivo de populações com baixo poder aquisitivo. A Biologia da Saúde desafia essa visão, reafirmando que a biodiversidade é o maior laboratório do planeta. Valorizar o Mastruz é reconhecer a Bioprospeção Ancestral: o fato de que cerca de 40% dos medicamentos sintéticos modernos derivam de moléculas descobertas originalmente em plantas medicinais.

Contraindicações e Vigilância

A segurança do paciente é a prioridade da farmacovigilância. O uso do Mastruz é estritamente proibido para gestantes, devido ao alto potencial abortivo e riscos de malformação fetal. Também é contraindicado para lactantes e crianças menores de dois anos. Sinais como náuseas, tonturas ou zumbidos no ouvido indicam toxicidade e exigem uma suspensão imediata do uso. A consulta ao farmacêutico é o princípio ativo para um tratamento seguro e eficaz. ■

INTERAÇÃO MEDICAMENTOSA (Pontes entre a Farmácia e outras áreas).

DA SENZALA AO SUS: A LUTA PELO DIREITO DE CURAR.

A história da saúde no Brasil é marcada por um capítulo de silenciamento que molda o preconceito até os dias atuais. O que hoje chamamos de fitoterapia já foi caso de polícia, em uma estratégia política de apagamento de saberes que visava marginalizar a população negra do pós-abolição.

A história da saúde no Brasil esconde um capítulo de repressão que moldou o preconceito atual. No final do século XIX, enquanto a elite buscava um modelo de "civilização" europeu, o conhecimento botânico das populações negras foi alvo de uma estratégia política de apagamento.

representavam a única farmácia acessível. Esse saber, trazido da África e adaptado à flora brasileira, era uma tecnologia de sobrevivência. A assassinação gerou um epistemicídio — o assassinato desse conhecimento — forçando comunidades a abandonarem práticas milenares sob medo de prisão, rompendo a transmissão oral das propriedades medicinais.

O "Crime": A Lei contra as Folhas

Com o fim da escravidão, o Estado utilizou a saúde pública como ferramenta de controle social. O Código Penal de 1890, nos seus artigos 157 e 158, criminalizou o "espiritismo, a magia e seus sortilégios", além do "curandeirismo", proibindo a prescrição de substâncias de qualquer reino da natureza. Naquela época, se o remédio não saísse de uma botica acadêmica com rótulo em latim, era considerado "feitiço". O uso de ervas por não-médicos tornou-se um crime de "falso exercício da medicina", visando deslegitimar quem detinha o saber das plantas.

A "Redenção": O Resgate Científico

Hoje, a ciência percorre o caminho inverso. A Farmácia moderna, através da Etnofarmacologia, "redescobre" o que antes era rotulado como superstição. Programas como as Farmácias Vivas do SUS validam cientificamente o uso da Espinha-santa, do Guaco e da Aroeira — plantas que os ancestrais já dominavam nos quilombos. O uso racional de plantas medicinais não é um "atraso para quem não tem dinheiro", mas uma ciência ancestral que, finalmente, retoma seu lugar de direito na saúde pública brasileira. ■

A "Vítima": A Farmácia da Resistência

A verdadeira vítima dessa perseguição foi a soberania sanitária da população negra. Para mais de 90% dos assexistas e negros descendentes, as benzedeadas, raizeiros e terreiros

Interação medicamentosa é a seção que estabelece pontes interdisciplinares entre a Farmácia e outras áreas do conhecimento — como Sociologia, História e Tecnologia — para desmistificar preconceitos e contextualizar o papel da ciência na sociedade.

PRINCÍPIO ATIVO (A voz da comunidade e a vida no campus).

SAÚDE E SUSTENTABILIDADE: Ação da UNIBRA alinha saber ancestral às metas da ONU.



Alunos realizam ações em diversos pontos da cidade alertando sobre o uso consciente das plantas medicinais, como o mastruz.

ao preparo equivocado da receita", relatou a aluna Rosane Lins, participante das abordagens.

Risco Oculto e Soberania Terapêutica

Os dados confirmam a preocupação: 67,4% dos jovens ignoram que o Mastruz pode causar danos à saúde, como toxicidade hepática e renal, devido ao princípio ativo ascaridol. Por outro lado, a pesquisa desmistificou o preconceito econômico. Quase 80% dos entrevistados que confiam na eficácia das plantas prefeririam tratar problemas simples com chá em vez de comprimidos, mesmo com recursos para ambos. Isso evidencia que o uso do Mastruz no Recife é uma escolha terapêutica baseada na confiança e tradição, e não apenas por carência financeira.

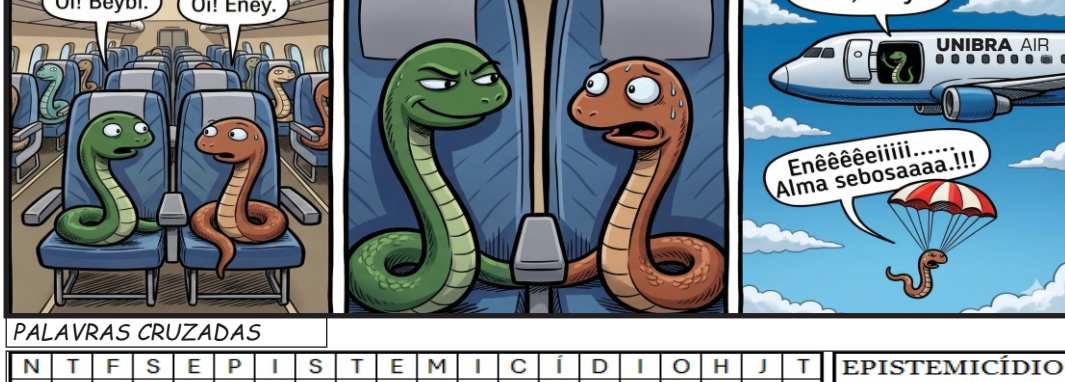
Compromisso com a Agenda 2030 (ONU)

Este projeto interdisciplinar conecta a prática local à Agenda Global da ONU e aos seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) — metas para proteger o planeta e garantir a prosperidade geral. Ao promover o uso racional do Mastruz, a ação alinha-se ao ODS 3 (Saúde e Bem-Estar) e às diretrizes do Ministério da Saúde e Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF). Ao resgatar o conhecimento tradicional e valorizar o saber botânico como patrimônio imaterial, os alunos também atendem ao ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), preservando a cultura e a biodiversidade.

Assim, a ação dos alunos da UNIBRA reafirma que o futuro da farmácia no Brasil passa pela integração entre o saber popular, a segurança clínica e as metas de sustentabilidade mundial. ■

EXCIPIENTES (Variedades e passatempos para facilitar a ingestão de saber)

Enêy & Bêybi em... «As micelas da vida!»



PALAVRAS CRUZADAS

N	T	F	S	E	P	I	S	T	E	M	I	C	Í	D	I	O	H	J	T		
B	O	A	L	O	D	I	R	A	C	S	A	X	D	F	B	A	I	P	V		
É	X	R	L	E	D	E	X	O	C	Á	R	R	Á	L	O	H	I	I	Z		
M	C	T	B	U	C	T	R	E	Q	O	B	S	R	B	S	F	E	D	R		
E	I	R	U	O	R	I	S	A	G	I	T	A	E	P	L	A	N	T	A		
L	H	A	S	W	A	R	N	S	U	R	E	C	V	Q	U	E	M	E	S	H	O
O	D	N	T	A	E	U	R	A	T	S	A	I	N	K	V	R	T	K	N		
R	E	B	L	Í	I	B	T	A	M	M	E	D	I	C	I	N	A	L	B		

EPITEMICÍDIO
PLANTA
MEDICINAL
ANCESTRAL
ASCARIDOL
MASTRUZ
HIGIENISTA
TOXICIDADE

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO: FARM3NB|UNIBRA. Este jornal-bula é um produto desenvolvido de forma original e integral pelos alunos de Farmácia com auxílio de ferramentas de IA. Inspirado em bulas farmacêuticas, une a precisão técnica da área à linguagem do jornalismo contemporâneo.

Qualquer produto ou projeto semelhante a este deverá ser classificado como "Genérico".